



Com algumas avenidas asfaltadas, é possível, entretanto, verificar o abandono de Jabour pela PMV.

Jabour: bairro que cresceu sem apoio do poder público

Situado na Zona Norte de Vitória, nas proximidades do aeroporto de Goiabeiras, limitando-se com os bairros Solom Borges, Camburi, Maria Ortiz e início do município da Serra, o bairro Jabour foi inaugurado em 1963, com 69 casas de 60m² e 85 m², financiadas em 60 meses com prestações fixas e sem correção monetária de Cr\$ 23,00 e Cr\$ 110,00, respectivamente.

Fontes do setor imobiliário afirmam que no Espírito Santo, o bairro Jabour, em Vitória, foi a primeira experiência em construção de conjuntos habitacionais pela iniciativa privada — ainda não existia o Banco Nacional da Habitação (BNH) com seus 4,5 milhões de mutuários no Brasil e 200 mil no Espírito Santo.

CRESCIMENTO

Paralelamente as 63 casas, foi feito um loteamento no local e com a venda dos lotes foram surgindo através de particulares novas residências. Embora não seja possível, pela inexistência de qualquer levantamento estatístico, estima-se que o bairro Jabour tenha atualmente cerca de 600 residências e 2000 moradores.

A área total que deu início ao bairro com as 63 casas e o loteamento era de 20 mil metros quadrados, tendo como proprietários as empresas Jabour Exportadora e Importadora de Vitória S/A (que construiu as casas iniciais) e Vivacqua Irmãos S/A (que financiou as casas, diretamente ao comprador), enquanto que, Neiva Imóveis fez toda a venda do conjunto e dos lotes. A origem do nome, foi uma homenagem a um dos proprietários, já falecido, da Jabour Exportadora e Importadora S/A, João Jabour.

Atualmente, o bairro Jabour não possui qualquer lembrança de 20 anos atrás quando da sua inauguração. A explosão populacional da Grande Vitória fez crescer o bairro e até ensejou a invasão de uma grande área em mangue, hoje com dezenas de palafitas incorporada ao contexto geográfico do local.

O diretor da Neiva Imóveis Ltda, José Usiélio da Costa Neiva, responsável pela venda das 63 casas e dos lotes iniciais do bairro, explicou que foi difícil vender tanto as casas como os lotes pelas dificuldades de acesso do local e distância

placa designativa existe), a iluminação da Escelsa é feita até hoje com poste de madeira e fincados dentro da pista de rolamento fora das calçadas, lugar tradicionalmente recomendado pelos padrões de urbanização. Moradores afirmam que tal fato foi devido ao alargamento da rua, sem que a Escelsa fizesse o recuo dos postes para as calçadas.

São raras as ruas com calçadas, existindo somente o vão entre os muros e os meios-fios. Um enorme valão aberto, onde são jogados esgotos residenciais na rua Amilton Castro Matos, provoca a proliferação de mosquitos e moscas e, segundo Olair Stocco, morador e comerciante do bairro, "foi transformado em criadouro de cobras venenosas pelo abandono a PMV".

Olair Stocco afirmou que o Serviço de Limpeza Pública da Prefeitura somente recolhe o lixo que estiver depositado em sacolas e no alto dos muros. Segundo ele, "quando os moradores põem os sacos plásticos com lixo nas calçadas, o carro recolhedor da PMV deixa de levá-lo, o que caracteriza "uma falta de interesse e relaxamento".

No cruzamento das ruas Antônio Nobre Filho e Agliberto Rodrigues Moreira, um terreno vago e aparentemente abandonado foi transformado em depósito de lixo. Ultimamente, segundo o próprio Olair Stocco, até animais mortos estão sendo jogados no local que está exalando um terrível mau cheiro que chega às residências próximas.

A presidenta da Associação dos Amigos do Bairro Jabour, Júlia Fitzherbert, disse que o bairro tem deficiências no setor de educação necessitando da construção de uma escola cujo terreno já foi até doado por uma empresa do ramo imobiliário. Segundo ela, a única escola existente com cursos de alfabetização e 1º Grau é de propriedade particular e não atende à demanda de alunos que são obrigados a estudarem em colégios públicos de Goiabeiras e outros bairro distantes.

Uma casa dentro do mangue, segundo a presidenta da Associação, foi transformada em creche e por não atender as necessidades da população, o prefeito Berredo de Menezes "prometeu construir uma nova dentro de uma área pertencente à entidade".



Civil e Militar que durante o ano passado circulavam pelo bairro, neste ano não circulam mais, o que vem motivando constantes roubos e assaltos, embora aconteçam poucos assassinatos. Júlia Fitzherbert disse que se a Polícia der uma batida no mangue, serão encontrados muitos marginais.

Maurício Waleffe Pacheco Vieira pede que seja instalada uma delegacia com efetivo policial, além de viaturas circulando pelas ruas locais. Todavia, um sistema particular de vigilância noturna, pode ser encontrado em um determinado setor, onde os moradores através de cotas pagam a segurança.

O local não tem áreas urbanizadas para o lazer, embora Olair Stocco tenha dito que existem inúmeros terrenos baldios que atualmente servem como depósito de lixo e animais mortos, que poderiam ser transformados em praças públicas com arborização e áreas para a prática de diversos esportes.

Segundo informou Júlia Fitzherbert, já existe uma área com projeto de urbanização, inclusive com o conhecimento do prefeito de Vitória e destinada para uma praça. Maurício Waleffe Pacheco Vieira disse que espera providências da PMV no sentido de fazer uma praça pública e áreas de lazer no bairro que não tem sequer um play-ground para as crianças que são obrigadas a brincarem nas ruas expostas aos riscos do tráfego de veículos.

Apenas uma quadra esportiva, sem iluminação e totalmente danificada, serve para a prática de um tímido futebol de salão e vôlei. Olair Stocco enfatizou a necessidade urgente de se construir áreas para esportes diversos e mostrou um local junto ao mangue onde o futebol é jogado pelos jovens.

Jabour: bairro que cresceu sem apoio do poder público

Situado na Zona Norte de Vitória, nas proximidades do aeroporto de Goiabeiras, limitando-se com os bairros Solom Borges, Camburi, Maria Ortiz e início do município da Serra, o bairro Jabour foi inaugurado em 1963, com 69 casas de 60m² e 85 m², financiadas em 60 meses com prestações fixas e sem correção monetária de Cr\$ 23,00 e Cr\$ 110,00, respectivamente.

Fontes do setor imobiliário afirmam que no Espírito Santo, o bairro Jabour, em Vitória, foi a primeira experiência em construção de conjuntos habitacionais pela iniciativa privada — ainda não existia o Banco Nacional da Habitação (BNH) com seus 4,5 milhões de mutuários no Brasil e 200 mil no Espírito Santo.

CRESCIMENTO

Paralelamente as 63 casas, foi feito um loteamento no local e com a venda dos lotes foram surgindo através de particulares novas residências. Embora não seja possível, pela inexistência de qualquer levantamento estatístico, estima-se que o bairro Jabour tenha atualmente cerca de 500 residências e 2000 moradores.

A área total que deu início ao bairro com as 63 casas e o loteamento era de 20 mil metros quadrados, tendo como proprietários as empresas Jabour Exportadora e Importadora de Vitória S/A (que construiu as casas iniciais) e Vivacqua Irmãos S/A (que financiou as casas, diretamente ao comprador), enquanto que, Neiva Imóveis fez toda a venda do conjunto e dos lotes. A origem do nome, foi uma homenagem a um dos proprietários, já falecido, da Jabour Exportadora e Importadora S/A, João Jabour.

Atualmente, o bairro Jabour não possui qualquer lembrança de 20 anos atrás quando da sua inauguração. A explosão populacional da Grande Vitória fez crescer o bairro e até ensejou a invasão de uma grande área em mangue, hoje com dezenas de palafitas incorporada ao contexto geográfico do local.

O diretor da Neiva Imóveis Ltda, José Usiêlio da Costa Neiva, responsável pela venda das 63 casas e dos lotes iniciais do bairro, explicou que foi difícil vender tanto as casas como os lotes pelas dificuldades de acesso do local e distância do centro de Vitória. "Ninguém acreditava no futuro do bairro Jabour, que chegou a ficar quase um ano sem comprador, o que motivou o financiamento direto dos imóveis".

Segundo o próprio José Neiva, "a valorização do bairro surgiu em decorrência da instalação do Porto de Tubarão". Ele disse que os moradores das 63 casas que iniciaram o bairro eram de baixo poder aquisitivo, "mas com a elevação dos custos da indústria da construção civil, cerca de 51 dos primeiros donos não resistiram às propostas tentadoras de pessoas com maior renda interessadas em residirem no local, e venderam as casas, restando atualmente no bairro, somente 12 dos primeiros moradores".

O bairro Jabour hoje é um mesclado de moradores de classe média com bom poder aquisitivo e famílias de baixa renda, chegando até mesmo aos extremos da pobreza na região do mangue, área onde se juntam a subabitação e a desnutrição.

O bairro tem sua entrada pela avenida Fernando Ferrari, — pista de alta velocidade no tráfego — onde estão localizadas várias empresas como fábrica de piscinas, de bilhar, roupas, blocos de cimento; indústria metalúrgica, locadoras de veículos, posto de gasolina e depósito de material elétrico e de construção, além de restaurantes, mercearias e bares.

Dentro do bairro existem vários comércios que prestam serviços de abastecimento à população como farmácias, açougues, quitandas, bares, auto-serviços. No local existem diariamente muitos pedintes que, segundo a presidente da Associação dos Amigos do Bairro Jabour, Júlia Fitzherbert, "são moradores do mangue e de outros bairros próximos".

O visitante que chega ao local constata facilmente um flagrante abandono por parte dos poderes públicos, pela falta de recolhimento de lixo, entulhos e material de construção amontoados em terrenos baldios, mato que domina as calçadas entre o meio-fio das ruas e os muros das residências.

Tem até uma rua na parte nobre do bairro que ninguém sabe o nome (nem

placa designativa existe), a iluminação da Escelsa é feita até hoje com poste de madeira e fincados dentro da pista de rolamento fora das calçadas, lugar tradicionalmente recomendado pelos padrões de urbanização. Moradores afirmam que tal fato foi devido ao alargamento da rua, sem que a Escelsa fizesse o recuo dos postes para as calçadas.

São raras as ruas com calçadas, existindo somente o vão entre os muros e os meios-fios. Um enorme valão aberto, onde são jogados esgotos residenciais na rua Amilton Castro Matos, provoca a proliferação de mosquitos e moscas e, segundo Olair Stocco, morador e comerciante do bairro, "foi transformado em criadouro de cobras venenosas pelo abandono de PMV".

Olair Stocco afirmou que o Serviço de Limpeza Pública da Prefeitura somente recolhe o lixo que estiver depositado em sacolas e no alto dos muros. Segundo ele, "quando os moradores põem os sacos plásticos com lixo nas calçadas, o carro recolhedor da PMV deixa de levá-lo, o que caracteriza "uma falta de interesse e relaxamento".

No cruzamento das ruas Antônio Nobre Filho e Agliberto Rodrigues Moreira, um terreno vago e aparentemente abandonado foi transformado em depósito de lixo. Ultimamente, segundo o próprio Olair Stocco, até animais mortos estão sendo jogados no local que está exalando um terrível mau cheiro que chega às residências próximas.

A presidenta da Associação dos Amigos do Bairro Jabour, Júlia Fitzherbert, disse que o bairro tem deficiências no setor de educação necessitando da construção de uma escola cujo terreno já foi até doado por uma empresa do ramo imobiliário. Segundo ela, a única escola existente com cursos de alfabetização e 1º Grau é de propriedade particular e não atende à demanda de alunos que são obrigados a estudarem em colégios públicos de Goiabeiras e outros bairro distantes.

Uma casa dentro do mangue, segundo a presidenta da Associação, foi transformada em creche e por não atender as necessidades da população, o prefeito Berredo de Menezes "prometeu construir uma nova dentro de uma área pertencente à entidade".

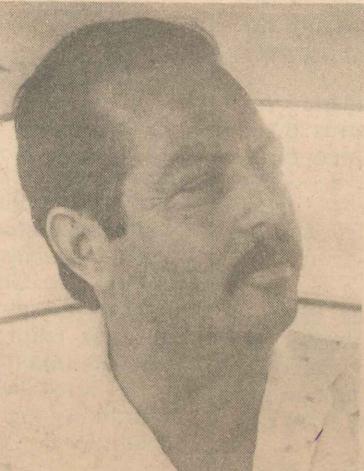
DESNUTRICÃO DO POVO

O setor de Saúde Pública do bairro é precário, não tendo posto de atendimento do Inamps, nem gabinete odontológico, o que levou Júlia Fitzherbert a reclamar das promessas do prefeito Berredo de Menezes e do vereador Demócrito Rebello, "que vieram ao bairro e prometeram construir um andar superior na sede do Centro Comunitário para instalação de um ambulatório e gabinete odontológico que até hoje não foi feito". Segundo Júlia Fitzherbert, a doença mais comum no bairro é a verminose.

Um dos primeiros moradores do bairro, Maurício Waleffe Pacheco Vieira, disse que a iluminação pública é satisfatória assim como o abastecimento de água da Cesan. Mas nos finais das ruas não existem postes com iluminação suficientes, deixando aqueles locais às escuras. O abastecimento de água quando da inauguração em 1963, era feito através de poços artesianos, sendo que os moradores, em sistema de cotas, compraram todo o encanamento e doaram à Cesan que instalou rede de encanamento existente atualmente.

A segurança pública praticamente não existe, pela falta de uma delegacia policial. Até mesmo viaturas das Polícia

Joaquim Nunes



Stoco reclama da Prefeitura



Civil e Militar que durante o ano passado circulavam pelo bairro, neste ano não circulam mais, o que vem motivando constantes roubos e assaltos, embora aconteçam poucos assassinatos. Júlia Fitzherbert disse que se a Polícia der uma batida no mangue, serão encontrados muitos marginais.

Maurício Waleffe Pacheco Vieira pede que seja instalada uma delegacia com efetivo policial, além de viaturas circulando pelas ruas locais. Todavia, um sistema particular de vigilância noturna, pode ser encontrado em um determinado setor, onde os moradores através de cotas pagam a segurança.

O local não tem áreas urbanizadas para o lazer, embora Olair Stocco tenha dito que existem inúmeros terrenos baldios que atualmente servem como depósito de lixo e animais mortos, que poderiam ser transformados em praças públicas com arborização e áreas para a prática de diversos esportes.

Segundo informou Júlia Fitzherbert, já existe uma área com projeto de urbanização, inclusive com o conhecimento do prefeito de Vitória e destinada para uma praça. Maurício Waleffe Pacheco Vieira disse que espera providências da PMV no sentido de fazer uma praça pública e áreas de lazer no bairro que não tem sequer um play-ground para as crianças que são obrigadas a brincarem nas ruas expostas aos riscos do tráfego de veículos.

Apenas uma quadra esportiva, sem iluminação e totalmente danificada, serve para a prática de um tímido futebol de salão e vôlei. Olair Stocco enfatizou a necessidade urgente de se construir áreas para esportes diversos e mostrou um local junto ao mangue onde o futebol é jogado pelos jovens.

PROMETEU E NÃO CUMPRIU

A rede de esgotos, embora não demonstre deficiência, brevemente poderá causar sérios problemas para os moradores, porque está entupida. Júlia Fitzherbert teme um entupimento de toda a rede de esgoto do bairro que é jogada dentro do mangue onde, em palafitas, residem inúmeras famílias.

O bairro possui cinco ruas pavimentadas (asfaltadas), algumas com calçamento em bloquetes, e muitas na terra bruta que dificultam o trânsito de veículos e até mesmo de pessoas pelo mato existente de um lado a outro. As únicas pavimentadas são José Vivacqua, Manoel Vivacqua, Paulo Vasconcelos, Olímpio Rodrigues Passos e Milton Castro, sendo que toda a pavimentação foi paga pelos próprios moradores durante três anos seguidos, através de uma taxa extra anexada ao Imposto Predial.

Vários moradores do bairro denunciaram o vereador Demócrito Rebello, do PMDB, "que nas vésperas das eleições compareceu constantemente ao bairro pedindo votos, depois de ter ordenado a colocação de pó de pedra em um pequeno trecho da rua Agliberto Rodrigues Moreira, prometendo, depois de eleito, realizar várias obras no local". Segundo esses moradores Demócrito Rebello "teve expressiva votação no bairro Jabour, mas, depois de empossado no cargo de vereador, jamais voltou ao local para cumprir as promessas feitas".

A Associação dos Amigos do Bairro Jabour foi criada em agosto de 1969, vivendo atualmente com recursos conseguidos através de doações, rifas e festas comunitárias, porque não cobra mensalidades a nenhum dos moradores. A sua presidenta chegou mesmo a dizer que há cerca de oito anos a entidade perdeu, pela falta de um local para instalação, uma significativa biblioteca e um gabinete dentário que seriam doados à comunidade.

Um mangue onde residem dezenas de famílias nas mais precárias e subumanas condições de vida é o grande problema existente atualmente no bairro Jabour. Uma das ruas de acesso ao mangue é coberta por lixo, pedras, mato e até lama.